



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia do Dia Nacional de Combate a Cartéis**

**Ministério da Justiça – Brasília-DF, 08 de outubro de 2009**

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,  
Meu querido companheiro Tarso Genro, ministro da Justiça,  
Senhora Neelie Kroes, comissária para a Concorrência da Comissão  
Europeia,

Meu caro companheiro Jorge Hage, ministro da Controladoria e  
Transparência,

Senhor Scott Hammond, procurador-chefe da Divisão Antitruste do  
Departamento de Justiça dos Estados Unidos,

Nossa querida companheira Marina Tavares de Araújo, secretária de  
Direito Econômico, na pessoa em que saúdo todos os secretários do Ministério  
da Justiça,

Meu caro Mauricio de Sousa,

Meus amigos e minhas amigas,

Não seria necessário fazer uso da palavra aqui, porque eu penso que  
aquele cartaz que dois jovens estão segurando ali é o que eu gostaria de ver  
em uma foto amanhã, na grande imprensa brasileira.

Mas, de qualquer forma, estamos celebrando hoje, 8 de outubro, o Dia  
Nacional de Combate a Cartéis. Eu não sei se havia a intenção do Tarso Genro  
de fazer uma homenagem ao Che Guevara, porque hoje, o dia 8, é o  
aniversário da morte do Guevara.

Mas, com isso, nós buscamos fortalecer a economia nacional, dotando o  
país de critérios republicanos e transparentes na concorrência. Cartéis  
normalmente geram aumento de preço e pressionam os índices da inflação,



consequentemente prejudicando as pessoas que vivem de salário neste país.

Os desdobramentos recentes da crise mundial apontam para a necessidade de uma presença mais vigilante do Estado na economia. O país, que agora está transformado em um canteiro de obras... E é importante dizer que essa crise econômica, que causou um mal tão grande a todos os povos, ela, no fundo, no fundo, vai trazer um benefício, porque as pessoas estão hoje tendo consciência de que o Estado não pode ser mínimo, o Estado tem que ser o Estado que cumpre o papel de indutor do desenvolvimento dos países e, ao mesmo tempo, de fiscalizador das boas práticas financeiras também nos países.

Bem, é fundamental, assim, garantir um ambiente de muita competição. Essa é outra briga que nós temos na reunião do G-20. É que tinha tanta gente que falava em livre comércio que agora, que veio a crise, muita gente que defendia o livre comércio está defendendo agora o protecionismo, e isso não é uma boa prática para o desenvolvimento econômico, sobretudo, para ajudarmos os países mais pobres.

Bem, com a quantidade de obra que nós estamos fazendo, Tarso, em uma livre concorrência, a gente pode, de cara, economizar entre 10% a 20% nos preços. Permitirá, igualmente, garantir a qualidade dos produtos e serviços contratados. Será fundamental a iniciativa do Ministério da Justiça nessa rede de inteligência com os mais diferentes órgãos, como a Controladoria-Geral e o Tribunal de Contas da União, para combater os cartéis em licitações públicas. Apesar dos avanços, falta concluir a reestruturação do Sistema Brasileiro de Defesa da Concorrência, como prevê o projeto de lei, pendente de aprovação pelo Senado Federal. Ele garantirá o aumento de investimento no País, dotará o Brasil de um marco regulatório adequado, incentivando a eficiência econômica e a produtividade e a inovação tecnológica.

O cartel é grave lesão à concorrência, é um acordo para fixar preços, cotas de produção, divisão de clientes e de mercado. Às vezes, as reuniões



não se dão nem dentro do Brasil. Às vezes, é até em uma viagem, aparentemente de turismo, que se dão as grandes negociações de quem quer praticar o cartel dentro do nosso país e dentro de outros países. Prejudica seriamente os consumidores ao aumentar custos e restringir a oferta, tornando os bens e serviços mais caros e indisponíveis. Ao limitar artificialmente a concorrência, traz prejuízos também à inovação, impede que outras empresas aprimorem seus processos produtivos e lancem novos e melhores produtos no mercado. Isso resulta em perda de bem-estar do consumidor e, ao longo prazo, perda da competitividade da economia como um todo.

Desde o início do governo, fizemos do combate aos cartéis uma prioridade absoluta. A Secretaria de Direito Econômico passou a utilizar ferramentas sofisticadas de investigação, como a realização de operações de busca e apreensão e a celebração de acordo de leniência. A Secretaria tem cooperado crescentemente com autoridades estrangeiras. Paralelamente, o Cade passou a impor multas recordes a empresas, funcionários e sindicatos pela prática do cartel. Os avanços do Programa Brasileiro de Combate a Cartéis são reconhecidos hoje no mundo inteiro. A estratégia da Secretaria de focar seus recursos disponíveis no combate a cartéis tem permitido seu desmantelamento com impacto positivo na economia brasileira.

Além disso, o Cade tem demonstrado seu comprometimento com a punição severa dos cartéis. Aqui, o Tarso já disse alguns números. Foi o caso das companhias aéreas, em 2004, dos vergalhões de aço, genéricos e jornais, em 2005, do cartel internacional das vitaminas, das empresas de vigilância e frigoríficos, em 2007, e da extração de areia, em 2008. Multas impostas pelo Cade superaram o valor de 340 milhões para um único caso envolvendo três empresas. Eu preciso saber se essa multa nós vamos receber, não é? Porque...

Bem, as penas de multa e reclusão em relação à prática de cartel são um importante fator dissuasório. Ajuda a cooperação do Cade com as Polícias



Federal e Civil e com os Ministérios Públicos para assegurar que empresários que não participem do Programa de Leniência sejam responsabilizados criminalmente. Em 2009, lançamos a Estratégia Nacional de Combate a Cartéis, um foro que reúne diferentes autoridades, repetindo os bons resultados da Estratégia Nacional de Combate à Lavagem de Dinheiro. Hoje, há, pelo menos, cem administradores brasileiros e estrangeiros que enfrentam processos criminais no Brasil por prática de cartel. A Mariana já falou, nos últimos anos, ao menos 34 executivos já foram condenados.

Como se vê, meus amigos e amigas, buscamos dotar nossas instituições de instrumentos adequados e necessários para acompanhar os extraordinários avanços econômicos que tivemos até agora. Mas, sobretudo, nos preparamos para enfrentar os desafios que se colocam a um país que está ocupando um novo e promissor papel na economia global.

Aqui, duas coisas, Tarso, que eu não poderia deixar de falar, sem o meu discurso oficial, aqui, só uma palavra. Primeiro, normalmente, o cidadão que está praticando cartel, ele não tem cara de bandido. Normalmente é uma pessoa que você olhando na fisionomia dela e na conversa dele, você pensa que está diante do maior defensor do livre comércio, do maior defensor da licitação mais abrangente possível. E você se dá conta, às vezes, que está de frente de um homem bom e que só quer o bem do País.

Alguns, que eu já tive oportunidade de ver, eram pessoas assim. Eles nunca têm cara nem de malandro, nem de bandido. Porque, se tivessem, seriam, de vez em quando, pegos como suspeitos, como são pegos os malandros por esse país afora.

Então, eu acho que essa organização, esses acordos internacionais e essas leis próprias para combater os cartéis são uma necessidade de todos os países, mas é muito mais responsabilidade de um país que começa a ganhar a respeitabilidade que o Brasil tem ganho no mundo.

O problema de o Brasil virar um país grande economicamente, justo



socialmente, e começar a participar dos fóruns internacionais... Muita gente acha legal porque o presidente Lula está aparecendo nas fotografias, ao lado de Obama, de Sarkozy, de Angela Merkel, de Hatoyama. Isso é o menor, o problema é que aumenta a nossa responsabilidade. O Brasil passa a ter a responsabilidade de servir de exemplo, de virar paradigma, para que a gente possa se transformar em uma nação definitivamente respeitada no mundo inteiro. Porque, durante muito tempo, as pessoas trataram o Brasil como se nós fôssemos uma pequena republiqueta, sem nenhuma importância.

Então, na hora em que este país cresce politicamente, na hora em que este país começa a ter uma inserção internacional mais forte, pode ficar certo, todo mundo, que é servidor deste país, que a nossa responsabilidade aumenta e, portanto, nós temos que trabalhar mais e cada vez mais nós sermos sérios.

Qual é o problema que nós enfrentamos com o combate aos cartéis, com o combate à corrupção e com todos os combates que nós fazemos? É que as notícias começam a aparecer no rádio e na televisão. Talvez houve gente, neste país, que um dia preferiu colocar tudo isso embaixo do tapete, porque ninguém sabia, todo mundo passava incólume neste país, parecia que não tinha cartéis, parecia que não tinha corrupção. Na hora em que você levanta o tapete é que você percebe quanta sujeira estava escondida, acumulada.

E o que eu disse no começo do governo, e vou dizer agora? Quem não quiser ser importunado, é só agir corretamente. Ninguém vai importunar quem não estiver agindo corretamente. Então, no Brasil, quem não quiser ser importunado pela Controladoria, pela polícia, pelo Tribunal de Contas, por tudo o que a gente tem de fiscalização – nós temos muita – é só fazer as coisas certas que ninguém vai atrás, ninguém vai perseguir. Agora, se fizer errado, tem que ser punido, porque a lei tem que ser para todos, ou seja, rico ou pobre tem que cumprir a lei, este país tem Constituição e, portanto, todos nós somos igualmente brasileiros.

Dito isso, eu queria, Tarso, dizer que é muito importante que a gente



tenha um dia em que a gente possa comemorar, 8 de outubro, Dia Nacional de Combate a Cartéis. Porque essas coisas começam assim: é a primeira vez, é a segunda vez... Daqui a pouco, isso vai virar um negócio que quando a gente estiver fazendo em Brasília, estará acontecendo nos estados movimentos, estará acontecendo debate nos estados.

Você imagina: o Maurício conseguiu fazer com que essa coisa chamada “cartel” fosse, para a meninada de hoje, uma coisa extraordinária, porque eles vão aprendendo dos velhos. Isso vai ser que nem internet, ou seja, um menino de oito anos leu esse gibizinho, ele já vai ficar sabendo o que é cartel primeiro do que o avô dele, porque a internet é a única coisa que as crianças são mais espertas que os velhos. Então, pode ter outras coisas que a gente não sabe, mas essa certamente. Então, eu acho que é um dia alegre, é um dia alegre, a gente comemorar um dia de combate aos cartéis, é uma coisa fantástica, porque isso demonstra que nós conquistamos maioria e não queremos mais ser tratados como um país pequeno, insignificante.

A segunda coisa agora para os nossos dois convidados. Eu sou muito amigo do presidente Obama, aliás, não sou só amigo, eu tenho uma expectativa muito grande com a eleição do Obama. Eu acho que a eleição do Obama representa para os Estados Unidos a quebra dos preconceitos que a minha eleição representou no Brasil, a quebra dos preconceitos que a eleição do Evo Morales mostrou na Bolívia, porque você imagina um índio ser eleito presidente de um país que tem 60% de índios e era governado por uma minoria. Você imagina quando o Mandela foi eleito presidente da África do Sul, o sucesso extraordinário que foi um país que tinha 26 milhões de negros contra 6 milhões de brancos eleger pela primeira vez um negro presidente.

Então, a eleição do Obama significa muito para mim. Obviamente que eu...Por isso, eu não estava torcendo para ele ganhar as Olimpíadas, mesmo eu gostando dele, adorando ele, eu estava torcendo para ele perder. Eu sou amigo do Zapatero há pelo menos 20 anos, eu também sou amigo dele, mas



estava torcendo para ele perder. E confesso a vocês que nós ficamos preocupados quando o Obama chegou a Copenhague, nós ficamos preocupados, porque, primeiro, só a presença americana já é uma coisa importante. Qual era a vantagem que nós tínhamos? Que os Estados Unidos já tinham feito quatro Olimpíadas, mais quatro de inverno, portanto já tinham feito oito. O Zapatero, Londres está fazendo agora, a gente suspeitava que os delegados não iam dar outra para a Europa, agora, em 2016, e também porque tem muito país europeu querendo fazer as Olimpíadas em 2020. Então, não poderia nunca ser três Olimpíadas seguidas na Europa. E o Japão, a gente achava que foi lá para marcar tabela.

Quando – o Obama não pode saber disso – mas quando Chicago, quando Chicago foi eliminada, naquela hora eu senti que a gente ia ganhar as Olimpíadas. Eu senti que a gente ia ganhar. E isso era um pouco visível por essas coisas que eu contei agora. A questão da América do Sul nunca ter feito uma Olimpíada e a questão do Brasil, ser a décima economia... o único país entre as dez economias do mundo que não tinha feito Olimpíadas, não teria muita explicação para os delegados. Depois, eu tinha aprendido uma lição: a França perdeu da Inglaterra porque o Tony Blair se dedicou a conversar com delegados, delegado que estava doente, ele ligava no hospital para desejar saúde para as pessoas. O Chirac não tinha feito isso, então foi a explicação que um sábio chinês me deu sobre a derrota da França. Eu falei: por falta de conversar, eu não vou perder.

Faz dois anos – o Obama só tem nove meses de governo – faz dois anos que eu estou conversando com delegados, faz dois anos que cada estrangeiro que vem aqui ao Brasil, primeiro ponto de pauta é a Olimpíada. Eu mandei carta para cada presidente, para cada primeiro-ministro, para cada delegado, mais que uma vez, por isso eu estava muito na frente, e eu tinha certeza. Eu confesso a você que, depois da vitória, eu fiquei com dó do Obama e fiquei com dó do Zapatero, porque quando você ganha de um amigo, você



sempre fica chateado, mas o que me segura é que eles não poderiam ganhar, tinha que ser o Brasil. Eu acho que foi um momento mágico para este país. Agora, já está na hora de parar de festejar a vitória e começar a trabalhar para a gente poder preparar uma grande Olimpíada e provar que um país pobre tem condições de fazer uma Olimpíada.

O Brasil não é pobre, mas também o Brasil não está entre os países poderosos. O que me alenta é que nós corremos um gostoso perigo, um gostoso risco de em 2016 já sermos a quinta economia do mundo. Quando eu fiz a primeira greve em 1978, eu disse uma vez, lá no estádio da Vila Euclides, que nunca mais ninguém ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores. Hoje, eu poderia dizer que ninguém nunca mais ouse duvidar da capacidade de conquista deste país chamado Brasil.

Muito obrigado e parabéns.

(\$211A)